

Cadernos de estágio

O uso do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa: limites e potências

Leilane Oliveira do Nascimento¹

Informações

noleilane@gmail.com

Como citar este texto

NASCIMENTO, Leilane Oliveira do. O uso do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa: limites e potências. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 1, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n1ID39835](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n1ID39835).



O livro didático (LD) de Língua Portuguesa (LP) é alvo de extensa discussão. Em sua reflexão a respeito desse objeto de ensino, a professora e pesquisadora Ivete Aparecida da Silva Ota (2009) elenca algumas críticas comuns feitas sobre ele, tais como: a abordagem prescritivista sobre a linguagem, a ausência de sistematização nas atividades de leitura e a expectativa interpretativa única para os textos. Tais apontamentos não endossam um ponto de vista de renúncia ao uso do material — postura que seria, no mínimo, dificultosa nos dias de hoje — mas aparecem como contribuições importantes para o aprimoramento desse objeto. Assim, apesar do debate e graças a ele, o LD continua a ser usado nas aulas de LP.

O uso desse material justifica-se pela função que ele exerce em sala de aula. Conforme Fregonezi (1999), é facilitador para o professor dispor de um objeto de ensino que norteie o encaminhamento das atividades didático-pedagógicas se considerado o quadro histórico e estrutural de sobrecarga a que sua classe está sujeita no âmbito do ensino brasileiro. Além disso, devido à legitimidade de que dispõe o material didático no espaço escolar e à ausência de acesso a outros materiais de estudo e de pesquisa, não raro, o LD se constitui em uma fonte de referência do trabalho em sala de aula (às vezes a única) tanto para alunos quanto para professores (Ota, 2009).

Nesse sentido, se a opção do docente

em prol do uso do LD é legítima no âmbito do ensino de LP, uma outra questão se apresenta: como usá-lo? A pergunta é importante porque, nos casos em que o recurso ao material didático ocorre de modo frequente e pouco variado, o resultado desse uso pode ser prejudicial ao processo de ensino-aprendizagem.

Foi justamente isso o que pude verificar nas experiências práticas do meu primeiro estágio obrigatório na licenciatura em Letras – LP. Enquanto estive em campo, dedicada não somente à observação das atividades desenvolvidas em sala de aula como também à reflexão crítica acerca delas, o uso do LD foi um elemento frequente em minhas meditações. A constatação de aspectos como a recorrência e a invariabilidade com que esse material era empregado ao longo dos quase três meses em que atuei como estagiária na escola, conduziu-me a pensar mais detidamente sobre os limites de seu uso nas aulas de LP e a reparar também nas potências que esse mesmo uso poderia vir a representar. São essas reflexões o conteúdo deste relato de experiência.

É oportuno salientar, antes de passar à discussão, que este trabalho está circunscrito ao âmbito do primeiro estágio obrigatório da licenciatura em Letras – LP, cuja parte prática foi desenvolvida por mim em uma escola pública de Natal, Rio Grande do Norte, com turmas de alunos da primeira e da segunda séries do Ensino Médio, entre os meses de

abril e julho de 2024. Além das experiências de campo, parte da carga horária do componente de estágio foi dedicada também aos estudos teóricos na universidade, sob a orientação da professora da disciplina que, certamente, foram valiosos para as considerações aqui feitas. Na escola campo de estágio, além da companhia dos alunos, contei também com o olhar atento de uma professora supervisora que ministrava aulas naquele espaço. Sigamos, agora, ao cerne do relato.

DOS LIMITES

67 As aulas de LP na escola em que realizei o estágio obedeciam, em geral, a uma sequência de ações similares. Depois que os alunos chegavam ao espaço em que o encontro ocorreria, ora a sala de aula ora a biblioteca da escola, a professora supervisora dava a eles, em voz alta, um comando para que pegassem os livros didáticos e respondessem às questões propostas em certo número de páginas. Esse número variava de três a seis, a depender da quantidade de perguntas apresentadas naquele ínterim, que deveria ser o suficiente para ocupar os estudantes durante o período de duração da aula, cinquenta minutos.

Os alunos ofereciam diferentes respostas ao comando da professora. A maioria deles acatava o pedido e utilizava o espaço da aula para iniciar a resolução das questões, transcrevendo

suas respostas no caderno. Já alguns outros se distanciavam da proposição e conversavam entre si ou utilizavam o celular para entreterem-se, postura que a professora coibia, mas sem atingir um sucesso duradouro.

Entretanto, havia algo comum a todos os estudantes, tanto entre os que realizavam a atividade quanto entre os que não o faziam era possível identificar uma sensação geral de cansaço. Esse sentimento esboçava-se já no momento imediatamente seguinte à fala inicial da docente: por meio de comentários reclamativos, olhares cabisbaixos e gestos pouco ágeis, os alunos comunicavam sua falta de entusiasmo em relação à atividade proposta. Entre os motivos para tais expressões estavam a recorrência com que o material didático era usado nas aulas e a invariabilidade característica a esse uso.

O LD ocupou um espaço central em quase todas as aulas de LP que acompanhei ao longo do período de estágio. Do total de quarenta aulas que experienciei nas duas séries do Ensino Médio, em apenas seis o material didático não foi utilizado. Esse uso quase permanente era, certamente, uma das causas da insatisfação dos estudantes, pois os fazia perceber os encontros da disciplina como repetições uns dos outros. Pelo centramento frequente em um mesmo objeto, a turma assistia a uma aula descritível como aquela que, recorrendo às palavras da professora Sandra Mara Co-

razza (2012, p. 29), “transmite a sensação de déjà vu”, uma característica que mina o entusiasmo sobre os encontros futuros e, conseqüentemente, diminui a vontade de aprender.

Esse incômodo era catalisado por outro fator: a ausência de variação no uso do LD. A conduta esperada dos alunos era, em geral, a de realizar a leitura silenciosa e individual dos textos e das questões propostas no material para, em seguida, registrar uma resposta para elas em seus cadernos. Essas respostas seriam convertidas em uma parte da nota bimestral dos estudantes, o que justificava, sob um viés, a realização das atividades. Todavia, sob outro espectro, a proposta se constituía em uma tarefa verdadeiramente monótona para a turma, que era convidada a encarar o LD sempre da mesma maneira, como um suporte para a apresentação de questões a serem resolvidas.

Nesse contexto, era perceptível que a docente e os alunos não figuravam como agentes no processo coletivo de construção do conhecimento. Pelo contrário, é possível dizer que, nas aulas cujo espaço central era ocupado pelo material didático, este substituíam a professora (ou o conjunto professora e alunos) nas tarefas de escolher o que ensinar e como desenvolver as atividades. Fregonezi (1999) afirma que, em situações como essa, o LD assume o papel de sujeito no processo de ensino-aprendizagem, o que é problemático, pois essa função

deveria ser ocupada pelo docente e pela turma. O reposicionamento desses papéis demanda, então, uma utilização diferente do material didático, uma que não imponha limites à aula mas a potencialize.

DAS POTÊNCIAS

Uma aula limitada pelo uso do LD é diferente de uma aula potencializada pelo mesmo uso. A frequência e a uniformidade com que se caracterizava o recurso a esse material, nos encontros que observei durante o estágio, figuram como aspectos de uma utilização que perde de vista as potências desse material. Para se atingir o contrário disso, é necessário que a aula se estruture não “no” mas “a partir do” emprego do LD. Em outras palavras, é importante compreender que, como pontua Cosson (2020), seja nas aulas de LP, seja nas de Literatura, esse objeto é um recurso entre outros. Isso significa que o professor e os alunos podem recorrer ao LD como fonte de acesso a informações ou como catalisador inicial do estudo de um determinado conteúdo, mas jamais devem limitar o momento de aprendizado pelo uso exclusivo dessa ferramenta.

O material didático pode ser utilizado de outras maneiras que ponham em evidência as suas potencialidades. Algumas alterações na dinâmica das aulas de LP da escola em que estagiei poderiam transformar a experiência dos alunos

e da professora com o material didático. Realizar uma leitura oral e conjunta dos textos propostos pelo LD, seguida de uma discussão em torno de seu conteúdo e de sua estrutura, seria uma via interessante para o trabalho em sala de aula. Só depois dessa discussão, a professora e a turma leriam as perguntas reunidas no material a fim de socializar respostas possíveis para elas e até mesmo de identificar suas lacunas, fortalecendo o senso crítico.

Essa sugestão considera dois elementos valiosos para explorar as potencialidades de uso do LD. Primeiro, a importância do compartilhamento de sentidos para um determinado texto dentro de uma comunidade leitora e, segundo, a urgência de que a proposição de exercícios em sala de aula se constitua em uma atividade de compreensão e não de mera reprodução de informações. Esses dois aspectos, se tomados como pressupostos para o uso do material didático nas aulas de LP, podem fazer delas “um território singular, instigante, novo, que desloca os valores estabelecidos e decodifica as formas de conteúdo e de expressão correntes”, conforme aponta Corazza (2012).

Além disso, o aproveitamento das potencialidades do LD realoca os alunos e os professores no papel de sujeitos do ensino-aprendizagem. A agentividade de ambos é retomada na medida em que o recurso a outras fontes de conhecimento e a própria proposição de usos

mais criativos do material didático, centrados no compartilhamento e na compreensão de informações, acontece em sala de aula. Freire (1997) reforça essa importância de se colocar o aluno como sujeito ativo no ensino, já que esse processo não se constitui de modo significativo a partir de uma simples execução de comandos, o que ocorre quando se recorre ao LD como mero suporte para apresentação de atividades.

À proporção que o uso limitado, que é frequente e uniforme, dá lugar ao uso potente, que parte do material didático mas não se esgota nele, o processo de ensino-aprendizagem de LP pode ser transformado positivamente, de modo a despertar o interesse da turma pela aula. Nesse sentido, em vez de sentirem déjà vu diante da repetitividade das aulas, os estudantes passarão a enxergar esses momentos como espaços de abertura ao novo em razão do compartilhamento de perspectivas e da compreensão crítica dos conteúdos trazidos pelo LD e mobilizados nas aulas de LP.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Durante o período de observação da sala de aula, pude perceber que a repetição de certas práticas de ensino estabeleceu limites para uma experiência de aprendizagem prazerosa. A realização individual e silenciosa de atividades propostas pelo material didático, porque solicitada com muita frequência

e de modo invariado pela professora, conduzia os alunos ao desinteresse pela aula e, conseqüentemente, pelo estudo da LP. Essa proposta se alinha a um uso limitado do material didático, na medida em que a aula se estrutura nesse mesmo uso e não a partir dele.

Uma utilização mais proveitosa desse material é possível e deve levar em consideração dois aspectos principais. Um consiste no compartilhamento de sentidos para um determinado texto e outro, na proposição de exercícios como uma atividade de compreensão e não de mera reprodução de informações. À medida que o uso limitado dá lugar ao uso potente, o professor e os estudantes passam a desempenhar o papel de sujeitos que lhes é devido no processo de ensino-aprendizagem. Assim, as aulas de LP podem despertar o interesse dos alunos e recuperar seu entusiasmo, de modo a se configurarem como experiências mais significativas.

Os dados contextuais também são importantes ao tema deste relato. Em um mundo cada vez mais conectado, acelerado e repleto de estímulos que disputam a atenção humana, é preciso fazer da aula um momento atrativo. Isso demanda dos docentes não perderem de vista a importância de variar as práticas e as metodologias de que se utilizam. O mesmo se aplica ao recurso ao LD: alterná-lo com outras fontes de conhecimento e diversificar os objetivos pelos quais recorrer a ele é imprescindível para que

as aulas de LP recuperem, ou passem a despertar, o interesse dos alunos.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de Notas 3**: Didaticário de criação: aula cheia. Coleção Escreleituras. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

FREGONEZI, Durvali Emílio. Aconteceu a virada no ensino de língua portuguesa?. **Revista do GELNE**, Natal, v. 1, n. 2, p. 82-85, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9266>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1997.

OTA, Ivete Aparecida da Silva. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 25, n. 35, p. 211-221, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/13607>. Acesso em: 18 jun. 2025.